

DOI: 10.25100/eg.v0i17.7919 - ISSN (en línea): 2382-3518



Nunes, L.H. 2015. Urbanização e desastres naturais, abrangência América do Sul. São Paulo, Brasil: Oficina de Textos

Autor de la reseña

Leandro Neri Bortoluzzi

Doutorando em Geografia pela Universidad Estatal Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
- Câmpus de Presidente Prudente/ Faculdade de Ciências e Tecnologia, estado de São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7308-8432>

Correio eletrônico: bortoluzzi_@hotmail.com

Para citar este artículo: Neri Bortoluzzi, L. (2019). Revisión del libro Urbanização e desastres naturais, abrangência América do Sul, de Nunes, L. H. *Revista Entorno Geográfico*, 17, pp 113-117

Este livro traz um texto acadêmico publicado em primeira edição no ano de 2015 pela geógrafa Dra. Lucí Hidalgo Nunes. A autora atua na Universidade Estadual de Campinas, no estado de São Paulo. A obra conta com a apresentação da Dra. Cleusa Aparecida Gonçalves Pereira Zamparoni, da Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá, estado do Mato Grosso. Após o desenrolar dos elementos pré-textuais: apresentação, prefácio e introdução, a temática do livro é desenvolvida em três capítulos e nas conclusões.

O capítulo inicial é intitulado: **“Os desastres naturais – condicionantes socioeconômicos e físicos”**. Nele a autora menciona a priori como diversas sociedades e religiões buscaram explicar os fenômenos naturais de grande magnitude a partir de mitos, folclores, ação de divindades, etc. Ela argumenta também que os fenômenos de desastres são recorrentes à humanidade desde a antiguidade.

É importante ressaltar que a autora deixa claro que ao longo da obra, ela não tem por objetivo distinguir os conceitos de desastres, catástrofes e calamidades, sendo os três tratados como sinônimos. Assim sendo, o seu enfoque não é conceitual, porém também não é neutro. Nunes afirma que seu entendimento desses fenômenos se dá “como uma construção social, produto da interação conflituosa entre uma organização social e processos naturais (como chuvas, ventos, terremotos), revelando desequilíbrio brusco e significativo entre forças compreendidas pelo sistema natural, contrariamente às forças do sistema social” (Gonçalves, 2003).

Após esse posicionamento, ainda no primeiro capítulo ela aborda dois subitens: “a urbanização e a globalização na desarticulação socioambiental contemporânea”, que enfatiza como a produção desses fenômenos ignora a dinâmica natural dos lugares e sujeita os povos —em especial os menos abastados— para as áreas ambientalmente mais vulneráveis. Este item, também trata dos diferentes papéis dos países na globalização e como os países que não lideram o processo de globalização ficam mais sujeitos aos desastres naturais.

Na segunda parte do primeiro capítulo, é descrito sucintamente os “indutores das catástrofes naturais”, denominados eventos físicos ou *hazards*. O objetivo não é abordar sistematicamente esses indutores, mas e sim apresentar os extremos de temperatura, as tempestades, os abalos sísmicos e o vulcanismo como indutores das secas, incêndios, inundações, movimentos de massa e epidemias.

O segundo capítulo com o nome: **“A América do Sul em perspectiva”**, caracteriza elementos da América do Sul de modo a ajudar a compreender a geografia dos desastres ocorridos nesta porção continental. O capítulo dois é subdividido em quatro subitens. No primeiro, a autora descreve sumariamente “o ambiente natural da América do Sul”, citando características marcantes do continente no que tange à diversidade do relevo sul-americano, desde as planícies até às montanhas andinas, e a distribuição da água e das formações vegetais. Contudo, a autora se debruça com maior avidez na descrição climática e dos fenômenos atmosféricos. Em alguns momentos desse subitem, Nunes busca

relacionar as características naturais e a ocupação dos diferentes lugares. A autora foca as potencialidades que a natureza sul-americana fornece para as populações humanas e conclui o subitem enfatizando a desestruturação dessas paisagens pela ocupação acelerada oriunda da urbanização, bem como, a relação dessa urbanização com a globalização.

Dado o enfoque nas características naturais, Nunes passa a enfatizar no segundo subitem –“aspectos socioambientais e econômicos da América do Sul”– as mudanças ocorridas a partir do crescimento e incremento populacional. Sua análise trata primeiramente das mudanças do uso da terra entre 1700 e 2000. Posteriormente, examina o crescimento populacional dos países sul-americanos, sobretudo entre 1960 e 2010. Ela também analisa o aumento das áreas urbanas e de suas populações, principalmente via industrialização tardia. Isso se dá por meio de processos excludentes a qual grande percentual populacional concentra-se nas áreas de habitações precárias. Dois pontos a destacar são: (i) o bom uso de tabelas e mapas agregando o conteúdo explicativo da seção, (ii) o caráter especial do tópico ao tratar de como a mobilidade urbana influencia no aumento das populações sob risco em episódios chuvosos por falta de modais de transporte coletivos e eficientes, gerando pressão sobre a utilização de meios de transporte particulares, inchando as vias públicas.

No terceiro subitem do segundo capítulo a discussão passa para as relações entre as nações sul-americanas, e as relações delas com os demais países. A autora discute entraves que dificultam o aprofundamento dessas relações, como o diferente aporte de investimentos estatais nos distintos países que acaba por aprofundar as desigualdades entre as nações. Isso, associado a crescente transformação das paisagens no subcontinente pode acarretar o aumento dos desastres.

Para finalizar o segundo capítulo, a autora trata de como os investimentos decorrentes

do crescimento econômico da América do Sul acabam por cobrir prejuízos oriundos de desastres naturais em função das mudanças climáticas, mas não em melhorias sociais à população. Tais investimentos, se aplicados nas melhorias sociais, poderiam minimizar o acontecimento dos desastres.

O terceiro capítulo que recebe o nome de: **“Os desastres naturais na América do Sul”**, é o mais extenso. Ele ocupa quase metade do livro. Nele a autora vai se debruçar em apresentar por meio de fontes, qual é a expressão dos desastres na América do Sul. Para facilitar o entendimento e enriquecer o trabalho do ponto de vista analítico, a autora emprega inúmeras tabelas, mapas e gráficos. Este capítulo é de qualidade excepcional. Da mesma forma que no início do primeiro capítulo, a autora enriquece o trabalho apresentando exemplos de como as populações tradicionais ameríndias se relacionavam aos desastres, buscando explicações por meio de suas crenças. Cita exemplos dos incas, tupi-guaranis, mapuches e chimús. Cita também, alguns desastres ocorridos no período colonial.

O enfoque seguinte recai sobre a metodologia de levantamento dos dados de eventos de desastres naturais. Aqui, a autora aborda a deficitária base de dados sobre desastres naturais na América do Sul e os diferentes critérios para sua consolidação nos países sul-americanos. Para tentar transpor estes obstáculos, ela opta pela utilização do banco de dados EM-DAT (International Disaster Database) do Centro de Pesquisa em Epidemiologia de Desastres, situado na Universidade Católica de Louvain em Bruxelas, na Bélgica. Para que um desastre seja catalogado pelo banco de dados, ele deve possuir uma das seguintes características: dez ou mais vítimas fatais, cem ou mais pessoas afetadas, declaração de estado de emergência ou chamada de assistência internacional (Guha-Sapir et al., 2010 apud Nunes, 2015). Ao examinar o panorama dos desastres naturais ocorridos na América do

Sul entre 1960 a 2009, a autora foca inicialmente nas tendências espaciais dos desastres, posteriormente as suas tendências temporais e por fim, realiza uma comparação da geografia dos desastres naturais na América do Sul com o restante do planeta.

Todo o terceiro capítulo é dotado de muitos dados, sempre enfocando quais foram os desastres ocorridos entre 1960 e 2009. Os inúmeros desastres naturais foram divididos no livro em três categorias: os fenômenos hidrometeorológicos, os geofísicos e os biológicos. Busca-se também relatar o montante de pessoas atingidas, incluindo o número de óbitos e os prejuízos econômicos decorrentes dos fenômenos. As informações são apresentadas do ponto de vista espacial e temporal, por países e por décadas. Parte do capítulo se desdobra em enfatizar os dados de desastres naturais ocorridos nas aglomerações urbanas superiores a 750.000 habitantes.

Como a autora utiliza o banco de dados EM-DAT para quantificar e qualificar os desastres naturais, ela discute os problemas existentes nesse banco de dados. Ainda que ele compile muitas informações, fica evidente que faltam dados para oferecer maior consistência. A autora explica:

A fonte de informação também indica que haveria dois aglomerados na América do Sul com população acima de 750 mil pessoas que não apresentariam perigo a esses tipos de *hazards*: Salvador e Manaus, ambos brasileiros. Entretanto, essa informação não reflete a realidade dessas duas cidades, sabidamente expostas a inundações e secas e, no caso de Salvador, também a escorregamentos de encostas (p. 66).

A finalização do capítulo três propõe comparar os desastres naturais ocorridos na América do Sul com os de outras áreas do mundo, ainda que sucintamente. Isso oferece um importante panorama da situação dos países sul-americanos no mapa mundial dos desastres

naturais. O panorama não é agradável, enfatiza a situação crítica da América do Sul, que somado aos desastres das Américas do Norte e Central, fica atrás apenas do continente asiático. Um continente muito mais populoso e detentor de uma área territorial mais expressiva que a americana.

O quarto e último capítulo articula as discussões dos capítulos anteriores e fecha o texto com algumas **conclusões**. Nunes tece considerações importantes como: os desastres naturais são relatados por povos que habitavam originalmente a América do Sul; o aumento dos desastres tem ocorrido de maneira cada vez mais crescente no espaço urbano; a globalização, ao não colaborar para o maior protagonismo das nações sul-americanas, tem contribuindo para o crescimento do número de desastres, em função das políticas neoliberais; a falta de um banco de dados padronizado para todas as nações sul-americanas dificulta o conhecimento dos fenômenos e a criação de formas de enfrentamento aos desastres.

A utilização do banco de dados EM-DAT é eficaz para alguns levantamentos, porém, apresenta inúmeras carências quanto a outras informações. Conforme o banco de dados, os terremotos são os desastres mais destrutivos; porém, as inundações são as ocorrências mais frequentes. Em termos proporcionais, Colômbia, Peru e Equador são os países que apresentam os dados mais preocupantes. A aglomeração urbana de Quito, no Equador é o local que apresenta maiores riscos em diferentes tipos de *hazards*.

O capítulo de conclusões chega ao fim de modo esplendoroso. Destaca que é preciso conhecer da maneira mais detalhada possível a ocorrência dos fenômenos, para que sejam criadas formas eficazes de combate aos seus efeitos. Deixa-se claro que as cidades ao concentrar a maior parte da população sul-americana, crescerem em nível acelerado sob a ótica da globalização, e são os locais de maior

ocorrência dos desastres. Cabe pois às nações da América do Sul, articularem o combate aos desastres por meio de conhecimento e criação de redes que possibilitem a redução destes fenômenos e dos seus efeitos. Nas palavras da autora:

É fato, porém, que sendo os desastres tão comuns e centrais, é preciso desenvolver novas formas para seus entendimentos e combates, mesmo que eles sejam parciais por definição. E, dialeticamente, é dos seus adventos que vêm suas compreensões (aprender com as tragédias para que elas não se repitam, ao menos no mesmo patamar). Dialéticas, também, são suas manifestações, pois se eles geram destruição e sofrimento, também suscitam solidariedade tanto por sentimentos verdadeiramente nobres perante o sofrimento alheio como no sentido de estar presente para aprender com aquela tragédia. Se hoje uma catástrofe acontece ali, amanhã pode acontecer algo semelhante aqui, mesmo que as calamidades sejam desencadeadas por distintos *hazards* que, dessemelhantes em suas essências, são iguais fisicamente, ao concentrarem energia, e socialmente, ao trazerem perdas de todas as ordens, principalmente aquelas que são incomensuráveis e insubstituíveis (p. 105).

De maneira sintética, este livro traz uma importante contribuição para os estudos geográficos por traçar um rico panorama dos desastres naturais na América do Sul desde 1960. A autora enfatiza os desastres naturais ocorridos em áreas urbanas, em especial nas grandes cidades sul-americanas. Trata-se de uma obra sólida, de fácil leitura, enriquecida por uma vasta gama de mapas, tabelas e gráficos. A obra não prioriza a explicação da ocorrência dos diversos tipos de desastres, mas sim a argumentação de que o crescimento do número de desastres se dá concomitante ao acelerado processo de transformação das paisagens e ao crescimento populacional urbano.

O livro visa atender em especial aos estudiosos da geografia e áreas afins, mas serve também de apoio a gestores de órgãos públicos, principalmente para aqueles que trabalham em entidades voltadas aos estudos e combate de desastres naturais. Recomendo a leitura em especial aos estudantes de graduação, por causa do seu trato didático, principalmente para aqueles que buscam entender não só os desastres naturais, mas ainda, fomentar agendas ambientais para a América do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gonçalves, N. M. S. (2003). Impactos pluviais e desorganização do espaço urbano em Salvador. In C. A. de F. MONTEIRO, F. de A. MENDONÇA, F. de A. (Orgs.). *Clima urbano* (p. 192). São Paulo: Contexto.
- Nunes, L. H. (2015). *Urbanização e Desastres Naturais: abrangência América do Sul*. São Paulo: Oficina de Textos.

Entorno

Geográfico

Número 17